

# Crise: expressão do eu superior

Monika Kiel-Hinrichsen  
Pedagoga<sup>1</sup>

Tradução de Bernardo Kaliks do original em alemão: Krisen – Sprache des Höheren Ich. *Das Goetheanum*, n. 1/2, p.12-3, 2009. Publicado com a autorização da autora.

Quem não conhece a crise que de repente nos ameaça tirar o chão debaixo dos pés? Às vezes a linguagem é forte e clara: uma demissão do trabalho, uma doença grave, ou a separação do(a) companheiro(a). Porém, também acontecimentos extraordinários durante a vida como o encontro notável com uma pessoa, um casamento, o nascimento de uma criança podem mudar repentinamente o nosso dia a dia e provocar uma crise. Crise como uma vivência de acordar! Alguém vem a nós de fora para nos acordar, talvez para que não passemos dormindo perante algo.

## A crise como vivência de acordar

Não raramente acontece uma crise também suavemente no próprio interior, imperceptível ao mundo exterior, mas não por isso menos dramática. Percebemos isso como um diálogo interior que pode intervir sem querer nos acontecimento do dia a dia. Talvez percebamos que os costumes habituais não sustentam mais nada, que a imagem que temos de nós próprios não bate mais. O espelho que levamos na própria alma revela já num olhar os comodismos absurdos ou ilusões sobre nós mesmos. Aqui também sentimos uma vivência de acordar, porém mais em nós próprios. Em geral, isso acontece de maneira mais suave, com transições suaves, até estar realmente mais acordado.

De quem é a chamada para acordar então, seja ela suave ou forte? Quem pode ter o desejo de nos assustar de tal maneira no dia a dia? Quem entra num diálogo com quem?

Quando se sai de uma crise com um desenvolvimento feliz, percebe-se como de uma olhada, que se

foi levado por ela nesse caminho. Pode-se falar aqui de um eu superior ou de um eu do futuro, através do qual se chega a uma espécie de inventário, como recomenda pensar Floris Reitsma no seu livro “Em harmonia com o destino”<sup>2</sup>.

O nosso eu superior reluz desde o futuro em nosso presente, ilumina, por assim dizer, o que chegou a ser no passado para provar onde estamos, se temos ainda a nossa meta diante dos olhos ou se nos desviamos do caminho. No seu livro “Ser humano, destino do homem e evolução do cosmo” (GA 226), Rudolf Steiner diz sobre a relação do nosso eu cotidiano com o nosso eu superior que nosso corpo físico, pela sua relação com o corpo etérico como nosso corpo da recordação, reflete o que é a imagem do nosso verdadeiro eu (palestra de 16/05/1923).

Com o nascimento, nosso eu superior solta a nossa alma para que esta possa descer degrau por degrau a escada celeste e possa se unir mais e mais com a nossa corporalidade. Ele próprio fica no degrau superior da escada, atrás, no mundo espiritual. Desde aí ele age periféricamente na nossa biografia e nos leva ao encontro de acontecimentos determinantes do destino através dos quais podemos continuar a nos desenvolver.

O nosso eu superior ‘monta’, por assim dizer, as crises para o nosso eu cotidiano, o que significa que aquilo que nos acontece sempre tem a ver com a nossa tarefa de desenvolvimento. Lembremos aqui o exercício da telha, de Rudolf Steiner, que afirma que eu próprio, antes da telha me atingir, cuidei para que isso aconteça. Assim, toda crise deve ser entendida como uma fala do eu superior que envia essa chamada acima mencionada para nos ajudar no desenvolvimento assumido antes de nascer.

<sup>1</sup>Monika Kiel-Hinrichsen nasceu em 1956 em Cuxhaven, Alemanha, e vive em Kiel, Alemanha, onde estudou pedagogia social e mais tarde pedagogia Waldorf. Ela trabalha independentemente num consultório de aconselhamento próprio centrado principalmente em aconselhamento educacional, trabalho biográfico, mediação e supervisão. É autora de livros de aconselhamento.

<sup>2</sup>N.T.: *In Harmonie mit dem Schicksal. Die Kunst der Lebensrückschau*. Stuttgart: Urachhaus, 2003. 200 p.

## Degraus da crise

Porém, existem entidades que nos acompanham na vida desde o nascimento e nos ajudam em nossa maturidade terrestre, especialmente na infância e juventude, e que querem agir contra o impulso para o desenvolvimento do eu superior, coatuando então no desenvolvimento de uma crise. Isso se torna claro olhando a evolução típica de uma crise.

O que acontece numa crise? De regra, ela é desencadeada por uma mudança profunda que com frequência atrai um efeito de choque. A pessoa se sente como anestesiada, frequentemente incapaz de formular um pensamento claro, quanto menos de agir.

Perante perguntas, o acontecimento é apagado, é tomado como uma bagatela. O marido abandonado está seguro que a mulher retornará. Ou com certeza a doença não é tão grave – talvez o diagnóstico esteja errado. A realidade fica borrada às vezes por dias e semanas, e a vida continua sendo como era até então.

Na inconsciência surgem, certamente, sentimentos para a ‘luta’. Aconteceu um endurecimento interno que só consegue se mostrar como aborrecimento, raiva, desconfiança, até ódio. Se a própria pessoa provocou uma mudança como consequência de uma crise interior, surgem então nesta fase frequentemente dúvidas profundas, junto com autorrecriações em relação às decisões.

Neste momento, são novamente movimentadas todas as forças para manter o estado anterior. Nas pesquisas sobre a crise, por exemplo, de Elisabeth Kübler-Ross, de Jos van der Brug, de Kees Locher, de Sabina A. Spencer e John D. Amon, fala-se de regatear ou negociar. A criança que se sente abandonada pensa: “Se tenho boas notas na escola e ajudo mais a mamãe, então papai seguramente voltará”. “Se trabalho mais rápido e assumo ainda outras tarefas, então o chefe me colocará de novo”, pensa a secretária demitida. Com todos os truques e discursos possíveis, a pessoa se segura nas velhas estruturas. O que teme a pessoa nessa situação de vida? É a perda dos antigos costumes, do confiável, no qual se sentia segura? Ou é o abismo, o limiar pelo qual se deve passar para chegar a novos espaços não habitados?

## Abismo

O ponto mais profundo de uma crise é simultaneamente abismo, encontro consigo próprio e aspectos de sua sombra, estagnação e virada ao mesmo tempo, transformação que está marcada de aceitação inicial e de se afastar de uma época anterior. Esta fase parece ser a mais grave para muitas pessoas, pois a realidade não pode mais ser negada.

O desgosto passa para um profundo sentimento de perda, deixa aparecer a tristeza na superfície. Com frequência surgem aqui os medos ocultos da vida que fazem com que o abismo pareça intransponível, pelo qual não raramente aparecem depressões. Se antes era a agressão para fora, agora é agressão para dentro, que pode expressar-se desde uma forte dúvida em si próprio, até num ódio contra si mesmo.

O sentido da vida está à prova, através do qual pode surgir a abertura para algo novo na vida. Nesta fase de transição, muitas pessoas começam a dirigir o olhar procurando por um mundo espiritual, e não raramente experimentam uma profunda ligação com algo espiritual, ligação que é direcionada para o futuro caminho de vida. Isto pode acontecer a partir do caminho conscientemente escolhido, ou de maneira que as pessoas nos momentos mais profundos de sua aflição e desespero se sentem repentinamente como que consoladas por mãos cálidas e podem caracterizar essa experiência como proximidade do espírito ou de Deus, como proximidade do próprio anjo e até como uma manifestação real do Cristo. Começamos a mudar o sentido!

## Esperteza e autorreferência

Olhemos neste ponto para a evolução das fases da crise. Uma mudança decisiva não deixa acontecer um desenvolvimento linear em nossa biografia. Nós recebemos um tema dado por nosso eu superior que nos desafia para um autoconhecimento e uma auto-educação. Pode-se observar um ciclo evolutivo que tem uma determinada evolução (Fig. 1), no qual na primeira metade nos encontramos como num vácuo que é comparável a um espaço de autorreflexão. Lembremo-nos dos seres que nos acompanham na nossa biografia: Lúcifer e Ahriman. Seu interesse é: ou nos tirar dos esforços das tarefas na Terra, ou no contrário, unir-nos ainda mais fortemente com o material.

A quem encontramos primeiro no início de uma crise? Uma modificação inicial que tenha consequências para nós é rejeitada por nós, após uma primeira confrontação, como uma bagatela inócua: “Comigo vai bem, isso não me toca para nada”. Quem fala aí através de nós? É Lúcifer, que nos quer poupar a tarefa do conflito, e pelo qual inclusive nos sentimos temporariamente protegidos ao ponto de que achamos que estamos bem.

Se isso não dá certo, então vem uma força do outro lado. Ainda estamos convencidos do nosso direito, do nosso lado mundano, só que também devemos convencer o inimigo. Passamos para o ataque, em nós já age Ahriman endurecendo: aborrecimento, agressão e ódio, também vingança, espalham-se para fora.

## As três tentações do Cristo

Se isso não traz a solução esperada, nós desenvolvemos novamente outras estratégias de sobrevivência, pois regatear e negociar à beira do abismo exige uma extraordinária esperteza e uma inflada autorreferência, pois temos que agradar a Lúcifer e Ahriman juntos. Com suas forças combinadas tentam os dois adversários nos segurar perante o abismo para não podermos chegar perto do Cristo.

Um número grande de pessoas desgasta sua força para permanecer ao lado de seu eu cotidiano, ficam agarradas firmemente a sua crise, permanecem numa depressão que as separa da vida. Todos nós temos a esperança, enquanto nos aproximamos do mundo espiritual, de ficar poupados do encontro com Lúcifer e Ahriman; apesar de que todos nós sabemos que o próprio Cristo se submeteu a esse encontro nos 40 dias no deserto.

Cristo teve que se colocar no deserto perante as três tentações para se unir a nós como humanidade e se tornar realmente um ser humano. Assim, se queremos nos unir ao Cristo com mais intimidade podemos nos fazer a pergunta como seres humanos, se queremos assumir como ele as provas da nossa alma através de Ahriman e Lúcifer para vivenciar catarses, de tal maneira que possamos dar, purificados, passos para o futuro.

Ao passarmos pelo ponto mais profundo da crise, vivenciamos uma virada no nosso interior que se expressa numa aceitação das vivências da crise. Com isso se torna possível um experimentar novos costumes e até novas formas de vida com o qual surge um senti-

mento novo do valor de si próprio. Agora se consegue olhar para a crise com paz interior e encontrar nela o sentido para a própria biografia, para assim integrá-la num último passo na vida existente.

## Se deixar espelhar conscientemente

Para isso temos três ajudantes ao nosso lado: a fé, o amor e a esperança. Com essas qualidades podemos percorrer purificados o caminho no futuro,

pois a força do amor é uma força de vida que inflama e acorda e conserva com vida algo que se encontra mais profundamente ainda no novo ser, um força ainda mais profunda que a própria fé (...) Pois o que precisamos na vida, no sentido mais eminente, como forças vivificantes, são as forças da esperança, da confiança para o futuro

– afirma Rudolf Steiner em “Fé, Amor, Esperança. Três degraus da vida humana”.

A crise como a fala do eu superior que nos quer levar ao encontro do futuro. É possível evitar crises ou podemos estar mais bem preparados para elas? Nós podemos levar diariamente ao encontro do eu superior um cálice purificado enquanto dirigimos o olhar retrospectivo no mundo espiritual, mas também quando nos dirigimos aos nossos contemporâneos e deixamos espelhar quem surge no palco da nossa alma e o que precisa ser purificado ainda na nossa alma.

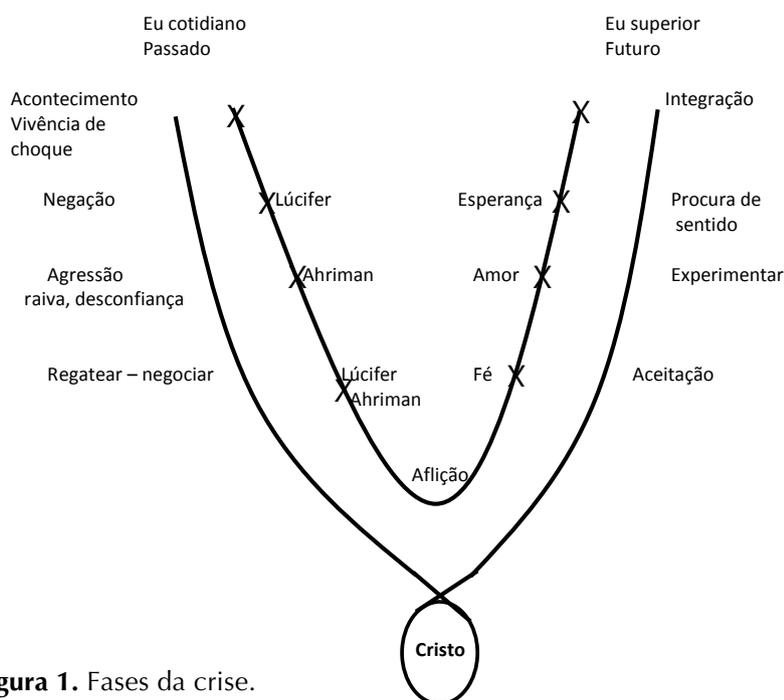


Figura 1. Fases da crise.